

opinião

opinioao@jornaldocomercio.com.br

/ PALAVRA DO LEITOR

Cultura

Somando 34 anos de atividades, o Teatro Nilton Filho passa por um dos momentos mais difíceis de sua trajetória, após ser atingido pelo alagamento que tomou conta do bairro Menino Deus. E não foi somente neste equipamento cultural que ocorreram prejuízos (caderno Panorama, **Jornal do Comércio**, 29/05/2024). São de grande relevância as matérias que têm sido publicadas no JC sobre a situação de instituições e equipamentos culturais de Porto Alegre, após as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul. Além do diagnóstico de perdas, servem para chamar a atenção da sociedade no sentido da necessidade de apoio para a recuperação destes locais. Afinal, a cultura sempre foi, e sempre será, elemento de fundamental importância na vida da nossa cidade. (*Márcio Tassinari Stumpf*)



Reconstrução do RS

A tragédia climática no Rio Grande do Sul causou profundos impactos em setores como infraestrutura rodoviária, habitação, agricultura, transporte, saúde e educação. Passado o ápice, o Estado deve se concentrar na reconstrução - 93% dos 497 municípios gaúchos já reportaram danos causados pelas enchentes (Editorial, JC, 28/05/2024). O governador do Estado criou uma Secretaria da Reconstrução. O Estado não vai ser reconstruído com uma secretaria. Talvez, com subsecretários em cada município, gente apartidária, de cada região, com vontade de ver o município e o Estado se reerguer. Senão, daqui a cinco anos, continuará tudo como está. Já em Porto Alegre, a grande questão é que a cidade deveria ter subprefeituras nos bairros com poder de construção e manutenção. (*Carlos Medina*)

Reconstrução do RS II

Agilidade nas obras públicas? Se não houver compromisso do governo e das empresas que vão operar, o processo será interminável. (*Régis Roberto Heldt*)

Meio ambiente

Porto Alegre possui 27 arroios, cuja extensão aproximada soma 60 quilômetros. Alguns extravasaram durante a cheia e geraram alagamentos. Para que isso não ocorra, a rotina de limpeza e desassoreamento deve ser frequente (JC, 05/06/2024). O assoreamento dos rios é consequência da falta de gestão do lixo doméstico. Plástico, eletroeletrônicos e até móveis vão parar dentro de rios. Portanto, é preciso dragagem regular para dar vazão à água da chuva em grandes precipitações. (*Olemar Teixeira*)

Animais

A Defensoria Pública do RS ajuizou uma ação milionária contra a Cobasi, após animais para comercialização pelo estabelecimento terem morrido afogados pela enchente em duas lojas da marca em Porto Alegre (Site do JC, 31/05/2024). Mas porque não subiram os bichinhos para o último andar e pediram resgate? Que absurdo e irresponsabilidade! (*Laura Martins Fonseca*)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Não à guerra, sim à resiliência

Ricardo Gomes

Mais de 2 milhões de pessoas atingidas, milhares de pessoas resgatadas, 90% do Estado impactado diretamente. É fácil ceder ao sentimento de tristeza que nos toma e falar em “guerra” para se referir ao que passa o Rio Grande do Sul.

Porém, a comunicação tem uma força agregadora. Ela é um recurso potente no enfrentamento às enchentes. É através dela que a ciência e o governo podem alertar a sociedade sobre os perigos, orientar como melhor proceder. É também pela comunicação assertiva, transparente e baseada em fatos que combatemos a desinformação. É a comunicação que nos serve de bússola para nortear a nossa jornada, desviando do caos emocional e rumando a uma visão de futuro mais promissora.

O simbólico de toda esta situação que estamos vivendo tem um peso importante na vida das pessoas. Precisamos endereçar esta questão e trabalhar para que a cultura e o imaginário social não interfiram na reconstrução do Estado. Mais ainda, queremos que eles auxiliem nesse processo. E aqui a comunicação entra novamente como solução. Ela deve guiar o movimento para que o nosso moral coletivo seja de esperança, imbuído do espírito de reestruturação.

Por tudo isso, é imperativo que deixemos a ideia de “guerra” de lado e associemos o nos-

so contexto à “resiliência”. É a capacidade de retomarmos os nossos lares, as nossas atividades econômicas, o nosso Estado que deve ditar o nosso rumo. Posso soar como um patrulheiro quase, mas precisamos fiscalizar a nós mesmos quando contamos e reproduzimos o que assistimos e vivemos nas últimas semanas.

Falar em guerra é ceder ao caos, ao desgoverno. Falar em resiliência é valorizar o povo gaúcho, é corrigir a nossa rota, é colocar o Estado e, principalmente, as pessoas no caminho da reconstrução.

Então, deixo aqui o meu convite aos colegas comunicadores, mas também a todos os gaúchos: vamos riscar a palavra “guerra” do nosso vocabulário quando o assunto for o Rio Grande do Sul. Vamos sublinhar o termo “resiliência” na nossa narrativa. As palavras têm força. A comunicação é poderosa. E precisamos contar com todos os aliados possíveis neste momento tão delicado.

Publicitário e Head de Comunicação do Pacto Alegre

É com comunicação assertiva, transparente e baseada em fatos que se combate a desinformação

A maratona da superação

Matheus Schilling

Após viver semanas caóticas com a maior catástrofe da história, o Rio Grande do Sul entra em uma nova fase: a maratona da reconstrução e da superação. Nos próximos meses e anos, vamos estar em uma corrida de longa distância. Com um caminho tortuoso, a retomada do RS vai exigir muito de todas as autoridades (União, Estado e municípios).

A sociedade civil gaúcha através de empresários e trabalhadores já demonstraram grande eficiência e vontade na disponibilização de mão de obra e recursos para a reconstrução do nosso estado, como o caso da iniciativa do Instituto Ling, que já disponibilizou R\$ 50 milhões para esse objetivo. Os esforços de reconstrução devem assegurar que as comunidades se tornem mais seguras do que antes do desastre. Daí a importância da capacidade de transformação da vulnerabilidade em resiliência. De forma consistente, precisamos manter o engajamento da sociedade civil do RS e de todos os estados brasileiros.

Conforme apontam especialistas, a reconstrução do nosso Estado precisará passar por algumas importantes fases. A primeira delas consiste em restaurar os acessos das cidades e planejar moradias. Com dezenas de milhares de pessoas vivendo em abrigos, os governos precisam desde já encontrar terrenos e atuar para favorecer as pessoas que perderam suas residências nessa tragédia ou que residem em áreas de risco.

terrenos e atuar para favorecer as pessoas que perderam suas residências nessa tragédia ou que residem em áreas de risco.

A segunda etapa será a reconstrução de unidades de saúde, escolas e prédios públicos afetados. Hospitais invadidos pela água e danificados devem ser prioridade na reconstrução; em seguida, unidades básicas de saúde e de média complexidade. Escolas públicas e repartições públicas que tenham problemas estruturais causados pela chuva estão em seguida na lista de prioridades para que o atendimento seja normalizado. Parcerias com a iniciativa privada devem ser incentivadas para acelerar a reconstrução dessas estruturas e garantir o acesso a mais recursos privados.

Por último, as autoridades precisam estar atentas na questão da análise do solo e prevenção. Os recentes episódios de enchentes mostraram a importância do investimento na construção de novos equipamentos de medição dos rios e meteorologia para prevenção de novos desastres. Nesse sentido, arquitetos e urbanistas classificam o processo de reconstrução como uma oportunidade para remodelar todo o sistema de drenagem das cidades.

O Rio Grande do Sul passou por três catástrofes climáticas de diferentes intensidades nos últimos seis meses, o que indica que as inundações podem se repetir e afetar os gaúchos. Cada vez mais é preciso dar ênfase na prevenção para termos garantia de toda essa recuperação que será feita nos próximos meses. Caso contrário, é como construir um castelo na areia.

Advogado